



50 réis

Coimbra, 13 de março de 1910

A FARÇA

Quinzenario illustrado

Numero { Portugal — 50 reis
 avulso { Brazil — 400 reis (moeda fraca)

ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias 600 reis
 Brazil (moeda fraca) 3\$800 "
 Estrangeiro 5 francos

F. França & Armenio Amado

(LIVREIROS-EDITORES)

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 — ARCO D'ALMEDINA, 2 e 4

COIMBRA



Assignaturas para todos os jornaes e Revistas nacionaes e estrangeiras — impressos e livros escolares — Encadernações e artigos de papelaria — Jornaes de Modas — Todos os livros approvados para instrucção primaria, para os Lyceus, Escolas Normaes. — Escola Agricola — Escola de Pharmacia — Faculdade de Medicina e Universidade. Recebem-se, apenas publicadas, todas as novidades mais importantes nacionaes e estrangeiras.

Execução rapida de encomendas

Photographia Conimbricense

— José Maria dos Santos —

COIMBRA — Avenida Navarro, 2

Retratos em todos os formatos até tamanho natural, pelos processos mais modernos. Vistas de Coimbra, Bussaco e Batalha. Encarrega-se de todos os trabalhos forado atelier.

ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina	3\$000 reis	25\$000
1/2 "	1\$800 "	15\$000
1/4 "	1\$000 "	10\$000
1/5 "	800 "	8\$000
1/8 "	600 "	5\$000
1/10 "	450 "	4\$000
1/16 "	350 "	3\$000

Tiragem 3:000 exemplares

Representante exclusivo em Lisboa:

O SR. Arthur Metrass Campos,
 administrador de "O Dia,"

80—RUA GARRET—1º

Vão ser expedidos pelo correio os recibos correspondentes à primeira serie d'A Farça.

A remessa dos primeiros numeros foi por vezes feita atrapalhadamente, devido a circumstaancias de momento. Se porventura alguns dos nossos assignantes a quem vão ser apresentados os recibos, tenham soffrido alguma irregularidade na distribuição desses primeiros numeros, obsequiamos satisfazendo a respectiva importancia e reclamando para a administração, donde promptamente lhe serão enviados os numeros que faltarem.

MERCEARIA LUZITANA

— Gailto & Cannas

1, RUA DO CEGO, 7 — COIMBRA

Especialidade em

CHÁ, CAFÉ E VINHOS FINOS

Deposito dos vinhos da

Real Companhia Vinicola

e da

Associação da Bairrada

Materiaes de construcção

Agencia de Seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8



Julio Ribeiro dos Santos
 Proprietario e impressor

TYP. LOUZANENSE

UMA DAS MAIS BEM MONTADAS, NA PROVINCIA, E ONDE SE EXECUTAM COM RAPIDEZ TODOS OS TRABALHOS TYPOGRAPHICOS.

IMPRESSOS

Para todas as repartições

Impressão de:

A Farça, Commercio da Lousã e d'O Foinhense.

A FARÇA

COIMBRA, 13 DE MARÇO DE 1910

Director artistico — *Luiz Filippe*
Direcção litteraria de *Veiga Simões*
Proprietario, **Thomaz d'Alvim**
Administradores, *J. França & Clemente Amado*
Livreiros-editores

Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26

Administração — ARCO D'ALMEDINA,

Composição e impressão,

TYPOGRAPHIA LOUZANENSE — LOUZÃ

JEJUM



— . . . Mas agora estâmos na Quaresma . . .
— E' o mesmo, filha; tu és um bom peixe.

Dezembro L. R. da Nova

Chronica

E depois de tres vezes
o ter negado, cantou o gallo.

Aquelle gallo que os senhores vêem no primeiro acto do *Chanteclér*, sobre o muro da capoeira, soltando um *Cô* indolente e extaziado ao sol vibrante, tem uma historia antiga.

Ha perto de dois mil annos que sô-



No tempo
em que os animaes fallavam...

mos conhecidos Vi-o a primeira vez num atrio branco de Jerusalem, olhando a claridade transparente do dia no mesmo o l h a r quadrado. Aquelle pobre gallo, perdido num terraço, a namorar a sombra fresca da arvore fronteira onde um velho se acorava, começou nesse dia a tornar-se grande, quando o sol ia escurecendo. A limpidez do dia entrava a manchar-se aqui e alem de nuvens densas. A' beira duma viella um bando de legionarios cruzava em tumulto, afastando a gente que assomava a ver um condemnado sair de casa do

Procurador. E então o gallo enristou a crista, olhou curiosamente com seus olhos de angulo a multidão ruidosa e as lanças dos soldados, e soltou no ar cada vez mais denso o seu canto vibrante e altivo.

Annos passaram. Deviam ter sido muitos, porque quando voltei a ver o gallo encontrei-o maior, no orgulho do ferro, dominando as grimpas duma Cathedral. No vôo espiritual da pedra, chegavam-lhe aos ouvidos sons indistinctos da multidão dos fieis erguendo a voz e a alma no mesmo som. O gallo alevantava o seu aprumo, tornava-se maior, como se esses cantos viessem das consciencias á sua magestade,—e perdia a vista a seguir os ventos.

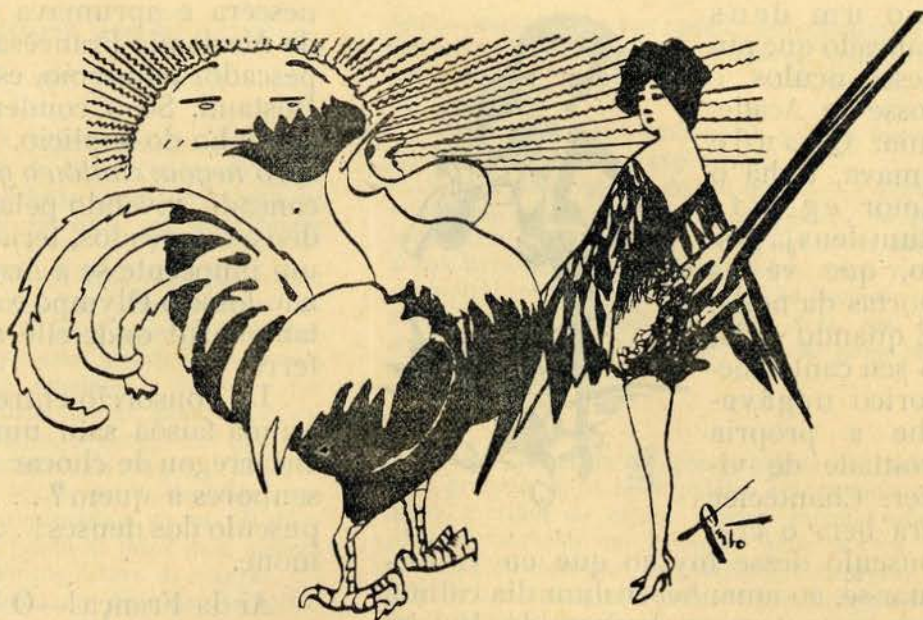
Eu tinha já saudades deste gallo, quando um dia o encontrei em La Fontaine dizendo coisas sabias aos outros animaes. E fiquei-me a pensar se esse gallo, com tanto crescer, poderia chegar a deus e governar o mundo na sua crista.



Immortal e gallinheiro

na sua crista.

Ora um dia no campo, como eu notasse o encolhido e rasteiro arrastar de aza duma gallinha procurando as companheiras, distingui no meio dellas um pequeno gallo a querer empavezar as pennas, na illusão de dominar o bando. De mim para mim considerarei a decadencia desta grande raça dos gallos,



que chegou a dominar o mundo, e o crepusculo das nossas divindades

Assim eu lembrava saudosamente aquelle gallo antigo, quando, maior ainda, ovipassar a sua grandeza pelo muro da capoeira desse mesmo primeiro acto. Erguia a sua pata, distrahido naquelle mesmo gesto que eu surprehendera no pequeno gallo do campo, olhan-

do as gallinhas companheiras; e fallava ao sol, maravilhadamente, como um irmão. O seu corpo tornára-se maior; maior o seu orgulho; e as suas pennas, vibrantes de luz, nunca eu lhas vira assim. Disse-me Mr. Rostand que elle era agora o espirito francês. Como no tempo de La Fontaine, esse gallo era sabio e grave; mas era agora propheta e vidente, erguendo no canto alacre uma epopeia. Esse gallo era mytho e tinha a sua mythologia. Creára um palacio, e como deus infinito amára.

Mas — ai delle — desde que se chamára *Chanteclér* nem amára como deus, nem amára como gallo. Era um deus muito gallo, e um gallo muito pouco deus. Fallava sempre em versos, como no tempo de La Fontaine; o seu canto vibrante, e vivo, e irregular, anavalhando o espaço, era rythmico, e monotono, e regular; amava como homem, e como gallo abria as azas para que nellas lhe caisse o corpo lindo da faisôa.

Comecei então a conhecer que este gallo-mytho, como todos os mythos usava de todos os meios para ainda viver. Este gallo-mytho afinal de contas fallava ao sol creador e renovador co-

mo um deus cançado que puzesse oculos e fosse da Academia. Quando amava, tinha o amor egoista dum deus já gasto, que vê as portas da noite. E quando vivia, o seu canto rhetorico negavalle a propria vontade de viver. Chanteclér era bem o crepusculo desse mytho que eu vi formar-se, ao amanhecer dum dia calmo, em certo terraço branco da Judeia. Mas esse velho, acororado sob a arvore fresca, aconchegando a tunica, rejuve-



nescêra e aprumava a sua farda rica da Academia Francêsa; o outro era um pescador anonymo, este chama-se Mr. Rostand. Só o condemnado não ia a caminho do suplicio. *De novo tres vezes o negou: cantou o gallo.* E este deus cançado, vivendo pela astucia como os deuses cançados, teria feito cruxificar um innocente se a Academia Francêsa não fosse o Olympo e a França a montanha azul onde elle se desprende da terra.

Do consorcio entre este velho deus e uma faisôa saíu um ovo. A França encarregou de chocar o ovo (sabem os senhores a quem? . . . O que é o crepusculo dos deuses! . . .) a Madame Simone.

Ai da França!—O ovo saíu chôco.

VEIGA SIMÕES

AO DE LEVE . . .

— Compra-me esta cautelinha? . . .

Era uma garota dos seus dez annos, olhos negros muito vivos, os labiosinhos sem côr, ligeiramente dobrada para a frente, o peito quasi a tocar-lhe as costas, e uns farrapos sujos a mal cobrirem a virgindade daquellas carninhas emagrecidas, quasi tomadas pelo rigor do tempo ao sol, ao frio, á chuva, *faisant l'artiste* por toda a parte, á meza dos cafés e á porta dos theatros, pelos bancos das praças e nos passeios das ruas.

— Compra-me uma cautelinha? . . .

O vicio sem atrações irresistiveis, e mais do que outro qualquer o jogo seria capaz de tentar um santo — se os santos não vivessem na plenitude do goso, perpetuamente em delicias. Mas para nós o jogo é qualquer coisa de pouco honesto e pouco esthetico; escandalisa a nossa moralidade burgueza, e fere a nossa sensibilidade artistica.

— Compra-me esta cautelinha? . . .

A loteria é o deboche apreguado pelas ruas,

e corta a alma ver essas pobres creanças entregando-se a essa especie de prostituição legal, oferecendo a riqueza sem trabalho, a abundancia sem canceiras — como se o trabalho fosse, na verdade, a condecoração de todos pela culpa só dalguns.

— Compra-me esta cautelinha? . . .

E como nos confrangesse aquella miseria, envolvendo tanta innocencia, ella então pequenina, os olhos negros, muito vivos, os labiositos sem côr, ligeiramente pendida para a frente, o peito quasi a tocar-lhe as costas, a carninha virgem mal escondida sob farrapos sujos, vendo que lhe estendia-mos a mão para lhe dar dinheiro, contrafazendo o focinhito macilento numa careta brejeira: — *Verá que tem a sorte grande; é o sessenta e nove . . .*

E então ainda nos confrangeu mais aquella miseria envolvendo tão precoce desvergonhamento.

BRITO CAMACHO



Para o "Secretario dos Amantes,,

(uma futura edição) (1)

MIMI...

«Chego a casa ás 3 horas da manhã. Venho do Castelo, do jardim do Carmo, chego de correr todo o burgo. Porque nada ainda me causou tal impressão; nunca fui sacudido por semelhantes arrepios.

Não te admires que eu nada contasse do meu alvoroço. Ter chegado á tua cama em taes circumstancias de susto, foi obra (acredita-o) do diabo. Julguei sempre que estes atrevimentos fossem duma outra facilidade. Julguei-o, e foi isso o que me resolveu. Mas o diabo tece-as, Mimi; e o *Mysterioso*, o *Desconhecido*, o *Incognito*, não são apenas palavras, sómente palavras, que os typographos compõem e distribuem. Posso afirmar-te que são alguma coisa que anda no ar. D'ahi o ter vergado; e ter vergado ás mãos dum policia que eu não via... porque estava ás escuras.

Os carêtas do baile do *Circulo Catholico* ferraram-m'a. Meia hora esperei eu que passassem, que se varressem da tua rua. Depois comprehendí que os saltos das minhas botas estavam demasiado madeira — que cantavam demasiado. Tomei o expediente de aplicar dois lenços aos calcanhares das botas. E esta operação, embora feita a rir, cre que me custou certos e esquesitos assomos de inquietação.

Amorçados os saltos (rude empreza!...), dei a volta e tentei entrar na tenda como o *Cavaleiro Negro do Eurico*.

Tudo seria simples, mas lançar a mão da chave, introduzi-la, correi-a e forçar o monstro negro da tua porta, foi mais duro que a espectativa de trez annos de presidio em Angola. A porta abriu-se, todavia. Abriu-se, e eu correi-a. Mas a escuridão traiu-me, importunou-me os ouvidos num sussurro de tal ordem que o coração bati-me como aos effeitos de piramidão. Atordoado, bati inconscientemente numa cadeira, que resvalou e berrou. Deus meu!... Que destino amargo!... Lembrei-me das eventualidades da gataria, para me firmar nas pernas. E comecei a caminhar, pé ante pé, com os ouvidos atordoados como as serras duma fabrica de pentes; comecei a correr o fado do cavaleiro da *Triste Figura*.

Porem, as escadas jemiam, o setim do meu casacão marulhava, as fronte latejavam-me com a violencia terrivel duma hora de crime. No cimo do primeiro patamar — nos quartos abertos — dormiam a somno-solto as pessoas que sabes. Então veio-me o desejo de rir, um desejo e riso nervosos, que muito bem podiam denunciar-me. Mordi-me, para me conter, E á espera duma nova resolução, dum expediente mais afortunado, fui escutando e aturando os apitos e graves daquelle

somno animal: uma vez agudo, com motivos de clarinete, finissimo; outra, ou outras, com cavos profundos de trompa, solemne, quasi Herculano em musica.

Não valia esperar, embora as escadas jemessem. Corri, que era o expediente.

Ao entrar as portas do teu quarto — ó Venus — não me cabia uma palavra nos labios. Se fallasse seria para pedir que me deixassem ir para a rua livre de perigos. Meia hora — como viste — respirei sofregamente encostado ao toucadôr de mão no coração. Pensei na minha vida, mal te ouvi, tive vontades de chorar. Não se pode ser mais cavalgadura!...

Depois.....»

Estava queimada a segunda pagina da carta. Se a presente epistola se publica é para conhecimento e critica do estado porque correm estas coisas do coração, em Portugal. Nella se verá, a par dum curioso caso de psychologia amorosa, o ridiculo com que esses *Narcisos* das eclogas sobem desavergonhadamente até ás roupas brancas das *Márcias* confessadas a miudo.

Recomendo o caso á sagacidade psychologica do meu notavel amigo Camara Reys, e ponho a monstruosidade moral ao arbitrio dos padres da Companhia do mestre Ignacio.

A desassombrada maneira da minha revelação me conforta.

Nestas coisas, meninos, acreditem que sou terrivel!

ALFREDO GUIMARÃES

Os bailes de Carnaval em D. Maria



— Não, minha filha: sômos incompetíveis.

(1) O auctor espera que em 1911 já se escrevam d'estas poucas vergonhas. Por isso a publica.

A pianista Aussenac em Coimbra

E' de um singular relevo a figura desta notavel artista que ultimamente se fez ouvir em Coimbra. Talvez até que, no actual momento, não exista uma pianista que com o mesmo vigor e encantos se imponha á admiração de todos os publicos, desde o mais culto e grave até ao que procura na arte o mero deleito dos sentidos.

Eu supponho que Liszt foi esse typo de artista, mas que o foi num grau

não ainda attingido porqualquer outro pianista. Assim, elle apparece-nos como revelador de uma arte nova, em construcção e interpretação; e a sua influencia é profunda em todos os concertistas que se lhe seguiram.

Na nossa pianista, pois que M.^{lle} Aussenac é portugueza, observamos tambem um caso deveras excepcional de capacidade de interpretação, um temperamento ardente de um poder intuitivo e evocativo raro e digno de ser estudado com verdadeiro interesse.

Nascida no Porto, mas filha de francezes, de pae girondino e de mãe alsaciana, cruza-se no seu espirito a impetuosidade meridional com a idealisção luminosa e serena dos teutões.

Educada no Porto, sob influencias em parte italianas a que ninguém se pode furtar entre nós, Vianna da Motta ouve-a quando ella tinha apenas dez annos de idade, e aconselha sua mãe a que a mande estudar no estrangeiro. M.^{lle} Aussenac prefere Paris a qualquer outro centro educativo. A pequena Maria Antonietta segue o curso do Conservatorio na capital franceza, alcançando as mais altas classificações.

«O perfeito no pequeno» da arte franceza, como definiu um illustre critico portuguez, é para a nossa patricia de uma excellente influencia. A impetuosidade do seu temperamento, agravada pelas influencias italianas a que nos referimos, como



M.^{lle} Aussenac

quem exigia o contacto do espirito de perfeita ponderação da arte da França, porventura procedente do encontro de todos os elementos ethnicos europeus, para se dominar na sua manifestação impulsiva. A iniciação deveu fazer-se naturalmente, sem difficuldade; era uma alma franceza que ia encontrar-se á vontade na atmospherica mental gerada pela alma mater das Galias. E a graça elegantissima que sobremaneira a caracteriza a esta desde logo penetrára a dicção declamatoria da escola italiana, moderando-a e dando-lhe o cunho do supremo bom gosto.

E' de notar que essas qualidades de superior expressão não podiam existir sem uma qualidade de *som* que, de por si, nos commovesse. M.^{lle} Aussenac pertence sem duvida alguma aos pianistas que eu chamarei *coloristas*, identificando-os aos pintores assim classificados tambem, aquelles em que a *cór* só de per si gera em nós uma commoção intensa e diferenciada.

Nella, os professores francezes achavam por vezes exagero de colloração, como se tratasse desses cantores cujo poder expressivo procede apenas da cultura intensiva da voz. A sua influencia foi por isso mesmo preciosa, como dissemos.

Mais tarde ia a nossa pianista receber a licção da arte grandiosa de Vianna da Motta, da elevada escola allemã em que o piano, passando pela phaze polyphonica, attinge a maxima grandeza e vastidão dos seus meios de expressão.

Um tal conjuncto de recursos herdados e adquiridos explica a riqueza excepcional do temperamento artistico da nossa pianista, desde que lhe juntemos a atmospherica de sonho em que a sua interpretação se comprás, envolvendo cariciosamente todas as asperezas da technica, dulcificando e esfumando os contornos, affastando os planos e collocando-os na sua justa posição. Mas, dominando sobranceiramente uma tal fusão de valores, ouviremos sempre larga e singelamente declamado o *canto*, porque a sua execução é de pura essencia musical, ainda quando o commentario litterario lhe aclara e enriquece a evocação dos mais diversos e extranhos estados de alma.

A este modo de ser artistico davam os antigos do meu tempo o nome de inspiração; e nós hoje temos de admittir com M.^{lle} Aussenac, porque ella assim procede, que a inspiração é uma força advinhadôra até das mais oppostas modalidades nacionaes, ou dos modos de ser mais profundos e mais elegantes da alma humana. Com a nossa pianista chega-se á comprehensão dos factos da arte viva na sua inteira realidade e suprema idealisação.

Estas multiplas qualidades reunidas fazem convergir para ella as sympathias de todos os artistas e de todos

os publicos, quer de Paris, Londres e Berlin, quer de varias cidades menores da Allemanha, Belgica e França. E é devéras para surpreender que a mesma artista, num só concerto, nos encante igualmente interpretando as paginas profundas de Bach, de Beethoven, de Cesar Franck, a fantasia encantadora e enternecida de Schumann e as graciosas elegancias da arte franceza; ou evocando as expressões nacionalistas da alma polaca com Chopin, dos hungaros com Liszt, dos portuguezes com Vianna da Motta, ou de quaesquer outros povos atravez das obras dos respectivos compositores.



Typos de Coimbra

Quasi tudo isso, senão tudo, revelou a joven pianista no seu concerto de Coimbra, surpreendendo mais de um ouvinte com a sua arte rara, toda feita de encanto e de nobreza. Para lamentar apenas que o numero desses ouvintes não fosse maior do que foi; porque tambem não são vulgares as organizações artisticas da fina tempera e aguda sensibilidade da nossa pianista.

Ella provavelmente nem deu por isso. Coimbra, com as suas extraordinarias bellezas naturaes e artisticas, com o accentuado *caracter* dominante em toda a cidade, com a doçura ineffavel da sua paisagem tão suavemente rythmada, apossára-se da alma da artista, mergulhando-a na mais extatica beatitude. E tudo se lhe apresentava com aspectos suggestivos, variados, imprevisitos; dias de sol esplendido e após elles uma bruma delicadissima envolvendo as coisas num véu de sonho idealisante.

E foi com funda saudade e singular enternecimento que ella viu desaparecer dos seus olhos extasiados a torre da Universidade e os salgueiros do Mondego. Com alma de musica e olhos de pintor, ella sentiu por toda essa terra rythmos caracteristicos, elegantes e de bom gosto, aspectos inolvidaveis dum encanto incedivelmente penetrante.

E disse-me que voltará a Coimbra. Não sei se para tocar novamente em publico; mas com certeza para mais uma vez mergulhar com suprema delicia na sua atmospherica luminosa e hyperesthetica.



Typos de Coimbra

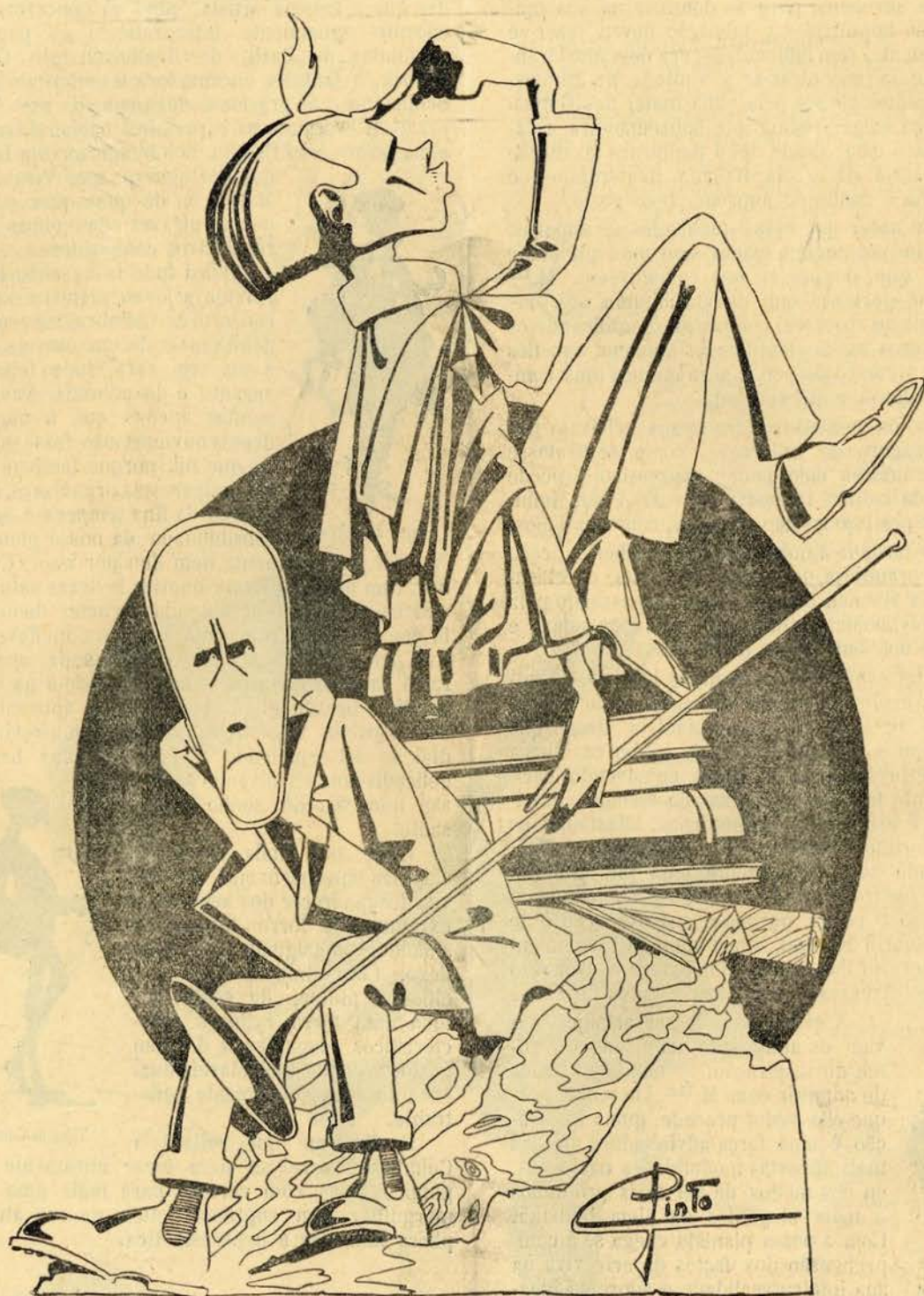
ANTONIO ARROYO.



Typos de Coimbra



A luz do genio



Projecto do monumento da Academia de Coimbra
ao segundo centenário de Herculano.

A arte de bem governar os povos



Primeiras lições.

Centenários

A ideia levantada por alguns estudantes de Coimbra para se realizar o centenário de Herculano encontrou em todo o país o melhor acolhimento.

Os estudantes de todas as escolas superiores aderiram à iniciativa tão justa dos seus collegas de Coimbra; e uma ideia posta em circulação pela mocidade, raramente deixa de triumphar, porque traz consigo o ardor e o enthusiasmo generoso das almas moças que a concebêram.

Como complemento das festas centenas aventa-se já a ideia de erguer ao grande morto a estatua que lhe é devida, e fazê-lo assim viver na memoria dos vindouros, que talvez esqueçam menos os seus livros vendo-o consagrado na praça publica.

Justo e mais do que justo é que tal se faça, porque Lisboa, a capital risonha dum país de sol e de luz, filho da amavel e intellectual raça latina, teve por muito tempo as suas praças e largos apenas habitadas por um povo de estatuas guerreiras.

Foi Camões, por largos annos ainda, o unico poeta que logrou a consagração duma estatua, e Camões, com a sua corôa de louros e a sua espada de soldado, era ainda a symbolisação belica dos feitos portuguezes; era sómente o grande cantor das nossas glorias, e não o delicioso, o inimitavel poeta dos sonetos amorosos mais admiraveis da lingua portugueza...

Só mais tarde e pela iniciativa dos seus amigos, Eça de Queiroz teve a linda estatua de marmore branco, — como devem ser as estatuas dos artistas, — que é hoje um dos prazeres intellectuaes que nos é dado fruir numa cidade que se banalisa pela deseducação artistica dos seus habitantes.

Não fallamos do monumento ao jornalista Eduardo Coelho nem do ultimamente levantado a Pinheiro Chagas, porque, como o de Eça de Queiroz, apenas são devidos a resumidas consagrações dos amigos, não merecendo, nem um nem o outro, o lugar de destaque que o trabalho de Teixeira Lopes poz, com toda a sua alma e com todo o seu grande talento no monumento de Eça.

Justo é pois que Herculano se erga, na brancura placida do marmore, dentro dos muros dessa cidade de *marmore e granito* que elle tanto amou como apostrophou.

Mas não esqueçamos neste momento, como nunca o devemos esquecer que Garrett, seu contemporaneo espera ainda a glorificação que não é mais do que a infima paga do immenso que Portugal deve ao seu extraordinario talento.

Herculano merece tudo quanto intentarmos fazer para perpetuar a sua memoria, mas não

menos o merece Garrett, o artista impecavel, o politico incorruptivel, o juiz integerrimo, o parlamentar inconfundivel, a intelligencia mais completa de quantas tem florescido na terra portugueza.

Herculano, pois, o historiador erudito, o caracter austero, a virtude aspera e rude que muitas vezes repele e se torna antipathica, que se admira mas não é centro de abstracção e exemplo, que julga e perdôa, mas não unge e cura as feridas das almas doloridas que nella procuram acolhimento, e o calor vivificante da doce tolerancia.

Garrett foi a bondade e a justiça na sua forma mais luminosa e mais bella; teve a graça que tudo santifica, teve a arte que todos commove e melhora.

Da obra de Herculano resalta uma amargurada desilusão que nos dispõe mal para a lucta, que amortalha e esfria todo o nosso enthusiasmo e crencas num futuro melhor; da obra de Garrett vem para o nosso espirito a consoladora certeza de que a vida é ainda o melhor presente que a Natureza nos concedeu e de que amando-a e vivendo-a pelo espirito e pelo coração cumprimos o nosso dever de seres que a intelligencia, e só ella, superiorisa entre os outros animaes.

A obra de Herculano é inteiriça e bella, mas já nos não commove nem corresponde ás necessidades do nosso espirito de hoje; a sua obra é grande, é enorme, mas é, por isso mesmo, esmagadora, como as columnadas e a cupula magestosas duma cathedral.

O seu sorriso é um vinco amargurado, como o seu espirito uma ironia de desiludido, que mais commove do que alegra.

A obra de Garrett não envelheceu nem envelhecerá jamais, porque é a obra de arte que a vida e o amor consagraram e floriram.

Mas Garrett não teve a consagração do grande publico em vida, como depois de morto ainda não conseguiu popularisar a sua memoria.

Emquanto Herculano teve admiradores que lhe deram um tumulo magestoso, no mais magestoso dos nossos templos, os Jeronymos, — os restos de Garrett só á custa de uma propaganda infatigavel e por um esforço enorme dos admiradores da sua obra, foram recolhidos a esse pantheon nacional e collocados de parte até melhor occasião que talvez não venha mais.

Garrett na Grecia linda em que a arte e o amor tinham a sua mais nobre moradia, seria sem duvida um genio familiar, uma sombra querida evocada nas consagrações da patria agradecida aos filhos que a enobreciam e honravam.

Mas Garrett viveu entre um povo que o monarquismo esterilisára numa sociedade hypocrita que perdêra com o altivo sentimento da dignidade a aspiração morta de todo o ser humano para a libertação de pensamento.

Garrett teve como nenhum outro a aristocracia do espirito, a superioridade do artista que em si proprio ama e respeita a Natureza. E essa

superioridade não a comprehendia nem perdoava facilmente um povo que se esquecera pelas sacristias a bisbelhotar as vidas alheias, a seguir os viaticos cantando bemditos, que se divertia por ouleiros e reuniões de peralvinhos e secias, de freiras e frades a tocar *lunduns*, que cheirava rapé, e não conhecia a voluptuosidade dum banho perfumado.

Garrett foi um escandalo no seu tempo e... talvez ainda o fosse hoje, nesta sociedade que olvidou um pouco os miseréres e os bemditos, mas ainda não se educou para comprehender e sentir estheticamente a vida.

Consagrêmos Herculano sim; demos ao seu perfil de asceta a linha esculptural que o consagrará para o futuro, mas não esqueçamos quem, como elle, merece a sagração publica.

Tambem Camillo espera ainda; tambem elle ha-de ter a sua hora.

E seja a gente moça que enverede por esse caminho; seja ella quem venha, com o ardor dos seus enthusiasmos, preparar luminosamente o caminho que ha-de seguir na vida, melhor, estamos certos, do que aquelle que foi tristemente trihado pelas ultimas gerações.

ANNA DE CASTRO OSORIO

UM PINTO QUE SE SAI DA CASCA



Cerveira Pinto

(auto-caricatura)

Typos em evidencia

I

A ondeada e comprida cabelleira
Voa-lhe sobre a nuca, semelhando
Uma auriflama, um pendão, uma bandeira,
No meio do combate formidando.

Pela humida e basta cachaceira
Cae o suor em catadupas, quando
O oradôr, em linguagem altaneira
Se eleva na oratoria, aereo e pando...

Falla só da revolta já imminente,
Da colera contida que rebente,
Alastre, innunde, aterrorise e estrague...

Applausos. Tndo exclama: Inexcedivell!
Mas um, que ouvira as palmas impassivel,
Diz-me: — «Aqui tem você o que é uma *blague!*»

II

Terminou do tribuno a conferencia:
Batia o coração de cada qual,
Ao contacto do povo e da fluencia
D'esse verbo candente e magistral.

O orador, num raptó d'eloquencia,
Que produziu um fremito geral,
Prégou o auxilio aos homens na indigencia,
A fraternisação universal.

Dias depois, num bom café comia,
O apostolo, uma esplendida eguaria;
Coisa rica: faisão ou gallinhola.

Alguem o importunava. Era um mendigo.
— «Está tudo tão caro, meu amigo!
Desculpe, mas não posso dar-lhe esmola»,

Eduardo de Carvalho

Os centenarios

A sr.^a D. Anna de Castro Osorio teve para com esta redacção a deferencia de um artigo sobre *Centenarios*, onde se refere com a mais inteira justiça o nome de Garrett em comparação ao de Herculano. Mas a distincta publicista teve palavras muito amaveis para com a Academia de Coimbra, a proposito duma commemoração em que para ahí se falla, julgando-a promotora desse centenário.

Ora verdadeiramente a Academia de Coimbra não promove coisa nenhuma; o que parece é que ha nesta terra algumas creaturas que por pequenino prazer de letra redonda deliberaram esgotar as caixas dos compositores enquanto não deliberam outra coisa—o que será difficil.

Esta benevolencia que a sr.^a D. Anna de Castro Osorio tem para com os estudantes de Coimbra, alguns dos quaes são redactores d'*A Farça*, não teria razão de ser se a distincta escriptora soubesse que *A Farça*, em nada se preocupa com essa commemoração, e está inteiramente de accordo com a justiça que faz á obra de Garrett.

Luar de janeiro



Aqui ha vinte annos uma geração entrou em Coimbra, reagindo contra o aristocratico symbolismo de sala. Os seus poetas foram breve conhecidos do paiz, num triumpho completo de moços. Passaram annos,—e ninguem mais falou nelles, desde que Guedes Teixeira se calou.

De novo Augusto Gil acende o lume antigo, falando-nos dessa geração esquecida, com um livro simples e profundo em que o claro espirito da nossa terra se escôa por versos de crystal.

Augusto Gil é um destes extranhos e simples poetas que de largo em largo brotam naturalmente do sólo portuguez, para o encherem de vida e côr. O ultimo fôra Antonio Nobre; o auctor do *Luar de Janeiro* aparece-nos agora a tomar o seu logar.

Entre os poetas *minores* da nossa lingua, Augusto Gil será sempre um grande poeta; e quando d'aqui a longe se recordar o nome de João de Deus, como expressão suprema do lyrismo portuguez do nosso tempo, olhando em torno encontrarão o nome de Augusto Gil.

ECHOS DO CENTENARIO

A comissão promotora iniciadora do centenario de Alexandre Herculano, resolveu engrossar o programma dos festejos com mais um numero: bodo aos pobres de espirito. São convivas

neste bodo, como delegados da Comissão, os srs. Orlando Marçal, José Luiz de Almeida e João de Castro.

Tambem a comissão pensou em realizar num dos dias, em diferentes pontos da cidade, leituras publicas dos melhores trechos das obras de Herculano.

Mas teve de desistir, porque estando sobrecarregada com muitos trabalhos, não lhe sobra tempo para ler a obra de Herculano daqui até abril.

Na ultima reunião da comissão, o sr. José Luiz de Almeida, depois de felicitar o sr. Orlando Marçal por haver sido contemplado com a taluda numa cautella de tres vintens da loteria brasileira, propoz que se pedisse ao governo para a Historia de Portugal, de Herculano, ser oficialmente adoptada nas escolas primarias.

A «Revista Coimbrã» publicará um numero especial, impresso em bom papel.

Eis o summario:

Gloria ao genio! — João de Castro.

Avé, mirifico lapidario do Eurico! — Orlando Marçal.

Viv'ó Herculano! — José Luiz de Almeida.

Os bailes de Carnaval no D. Maria



— O' salsa não danças?
— Eu é que te faço dançar...

Uma conferencia e uma festa

Num dos ultimos dias de janeiro de 1910, á hora em que o sr. dr. José Cid fazia no *Museu* uma conferencia sobre hygiene da primeira infancia, uma parte da academia abandonando a cidade celebrava solememente no convento de Santa Thereza o anniversario da consagração do dogma da Immaculada Conceição.

Emquanto no estabelecimento scientifico se ensinava ás futuras mães a arte difficil de crear filhos, os futuros paes ajoelhavam constrictos nas lages da velha igreja carmelitana em homenagem muda á virgindade.

Alem o sr. dr. Cid sustentando nos braços um pequenino exemplar de bom sangue; aqui a Virgem Maria expando no colo não profanado o fructo mystico da sua mystica concepção.

Duas telas de semelhante configuração, mas um tanto differentes pela luz em que se banham.

Na ultima ha os tons velludosos das naves mal alumadas, a penumbra dolorida dos nichos sagrados, ha a sombra duma nuvem de incenso, ha um crepusculo...

Na outra ha uma claridade vibrante, ha uma atmosphaera balsamica e alaere que faz adivinhar fremitos de ninhos, palpitações de gomos, risos de corolas, ha uma alvorada...

E o grupo seraphico enquanto o professor de medicina mostrava até que ponto podemos ainda ter esperanças na regeneração de raça pela regeneração da carne flagelava lugubrememente os peitos sob a abobada secular da igreja suburbana.

No estabelecimento scientifico interpretavam-se e desvendavam-se os mysterios da vida, na igreja taciturna a turba opaca dos academicos glorificava numa prece de surda reverencia o mysterio cavernoso dum ventre que pariu sem conceber.

O sr. dr. Cid ia de leito em leito seguindo das futuras mães ensinando como é sagrada a mulher que deu á luz, os futuros paes iam de ceu em ceu nas azas do extase felicitar ao alto das espheras a Rainha dos Anjos por conseguir alfim no tribunal do Vaticano um palliativo para a mancha tremenda de ter sido mãe...

*
* *

Está um dia lindissimo. E' a hora dourada em que Coimbra adormece embalada em sonho.

A luz beija mollemente os laranjaes das varzeas e os conventos nas collinas verdes envolvem-se, freiras exiladas, num véu de nostalgia e de saudade...

O sol desce esbrazado e gasto como um thuribulo no fim de um Te-Deum.

Hora beatifica e macia. Hora de recolhimento e de chá. Hora de fazer exame de consciencia e de fazer o chylo.

O velho templo joannino sente-se remoçar como se a alma orto-doxa e sybarita do seu seculo lhe ressuscitasse no amago.

Cá fóra arfam automoveis de praça.

Lá dentro numa atmosphaera de morna beatidade capas e saias ajoelham. Sôa a distancia o orgão mystico das celestes symphonias. A consciencia abobóra. Fecham se desmaiando as palpebras do espirito. E da altura azul num turbilhão de azas brancas baixa uma legião de archanjos despedindo sobre os corações as settas hervadas com sangue de Santa Thereza e de Joanna de Jesus.

Os sentidos evolum-se como o incenso dos thuribulos. Fluctuam, desenrolam-se, sobem no meio da nave e vão perder-se entre as arcarias roçando ao de leve a aza dourada dos cherubins de pedra...

Animam-se as esculturas e as estatuetas;

No Choupal



Nem aqui perdes o costume de estar a contar as taboas do tecto.

tomam vida as telas lacrimosas ; e os paramentos e os attributos e os emblemas abrem o enigma dos seus symbolos num clarão tão intenso e tão humano que não me admira que as devotissimas elegantinhas de 20 annos misturando num só ramallete, na ingenuidade paradisiaca da graça, as reminiscencias da terra com as saudades do ceu recordem na pomba que desce do alto uma certa tarde de tiro e vejam a bólasinha do *tennis* na esphera que o Menino sopesa...

No diluculo religioso da abobada as lampadas ardem immoveis como sangrentos corações em extase. Perpassa tepida á flôr das almas uma bagagem de espirital voluptuosidade...

Cheira a incenso e a pó de arroz, a salão e a sachristia. Entre as altas penumbras reviram em ondas lithurgicas as tres Graças e as tres Virtudes theologaes.

Abraçam-se remoinhando no ar a gaze dos véos e a estampanha dos mantos. Desfolham-se como flócos sobre as cabeças inclinadas as assucenas e as rosas vermelhas ; e ao longe na tranquillidade dos páramos gloriosos os côros angelicos tartamudeiam indecisos entre um hymnário amarelento e a ultima partitura.

Enigmatico no fundo da nave avulta um grupo de capas negras e circumspectas...

E' um seminario?...

E' uma comunidade resuscitada?

Não. São os alumnos do primeiro estabelecimento *scientifico*.

*
* *

Tive sempre para mim a capa como um enorme, como um tenebroso perigo moral.

O vestuario é um grande educador de espiritos. Cada homem pensa conforme se veste. Um povo mal vestido é fatalmente um povo decadente. As classes surgem com as differenças de traço. E a questão social é talvez uma questão de modas que seria resolvida se um bando internacional mandasse despir a humanidade.

Só a nudez torna palpavel a egualdade. Escusam de se cançar os politicos apregoando formulas, perseguindo os dynamitistas. Os verdadeiros inimigos da sociedade, não são os anarchistas, são os alfaiates.

As corporações scientificas corôam-se de borlas porque a borla inspira e solemnis a ideia.

O argumento é filho da borla, como o dogma da tiara, e a oração do capuz.

As maiores subtilezas monasticas nasceram do recolhimento do habito.

O habito consagra. Um conselheiro Accacio de habito já é um bernardo.

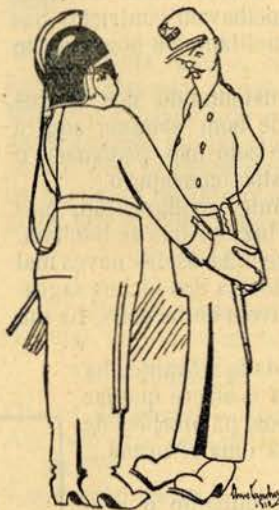
Cada paiz tem no seu vestuario a razão de ser da sua vida. A Grecia, por exemplo, se não fossem os seus mantos não nos teria dado Platão.

Platão é a mais alta expressão de uma raça que a tunica educou.

Vestir um homem é assumir uma responsabilidade incalculavel ; é decidir de toda a sua existencia ; é creá-lo.

Por isso nos collegios a educação começa pelo uniforme.

Ora a capa — longa, fluctuante, indecisa, docilmente impessoal — adaptando-se com a mesma indiferença a todos os corpos, informe — abraçando com a mesma fidelidade todas as formas, a capa é a peor companheira de moços nascidos e creados como nós entre dois infinitos — o mar e o ceu.



— Se vocês proíbem as bombas, como se ham-de apagar os incendios?

A capa completa o que os dois começaram — dilue-nos, isto é, torna-nos mysticos porque o mysticismo não é mais do que uma descondensação do espirito.

O fato — sobrio — cinge-nos, personalisa-nos.

A capa torna-nos fluctuantes como ella.

A academia foi sempre mystica : já em politica, já em amor, já em religião. Foi chauvinista, foi romantica, é catholica. Sempre a capa.

Em vão a batina se revolta e se transfigura, como um Proteu em tormentos, de roupeta em sobrecasaca. A capa ensombra, resa, catechiza e triumpha sempre.

E' preciso rasgá-la.

MANUEL EUGENIO

Antonio Arroyo

O illustre critico de arte, que neste numero nos dá a sua collaboração, não pode realizar a sua conferencia no *Instituto* no dia annunciado, por motivo de doença.

Parece porém que brevemente Coimbra terá o alto prazer de ouvir a sua conferencia, cujo thema é, como dissemos — *A arte para o Povo*.

Como beiras do telhado, pingavam dum relógio da torre, metallicas e eguaes, as badaladas da meia-noite.

Senti um chocalhar de ossos, e, num momento, ergueu-se ante mim um esqueleto completo — caveira, tronco e membros. Tentei reconhecê-lo, mas não me foi possível. Elle então espalmou-me nas costas os ossos dos dedos e disse-me amigavelmente:

— Sou o Alexandre Herculano, aquelle a quem vossês vão fazer o centenario...

— Vossês... é muita gente! — retorqui eu, nada satisfeito com a graça.

— Pois então não é a Academia que prepara o meu centenario?

— Bem se vê que o sr. Alexandre Herculano anda pouco ao par do que se passa cá neste mundo. A Academia não prepara coisa nenhuma. Quando muito, prepara a lição para o dia seguinte...

— ?

— E' como lhe digo. Sabe ella agora que o senhor existiu, quando o senhor nasceu vae fazer cem annos em abril?... Desde que se falla no centenario, clarissimo, sabe-o e deita contas aos dias que ainda faltam, mas não é por amor á sua memoria: é por amor aos feriados, ora que é bôa!

— Então mas isso está assim? — perguntou-me o sr. Alexandre Herculano, despeitado, ferido no seu legitimo orgulho de morador dos Jeronymos.

— Ha, é claro, algumas excepções, mas poucas. Tirante José Luiz d'Almeida...

— José Luiz d'Almeida?!... Mas quem é esse José Luiz d'Almeida?... Vejo que os jornaes o celebram como eminente homem de letras, mas nunca li nenhuma obra sua...

— Pois tem uma vasta obra, dispersa, mas sobretudo no *Seculo nas provincias*, — informei eu solícito.

— Pois é exactamente no *Seculo nas provincias*, que eu todos os dias percorro para ver se lá veem noticias da minha terra, que tenho visto celebrado o formoso talento desse bardo coimbrão — tornou-me o sr. Alexandre Herculano, intrigado.

— Pois ahí tem a sua obra, e vasta obra — não lhe dizia eu?

Não sei que mosca mordeu o sr. Alexandre Herculano, que o vi acto continuo escapular-se pela louza do sepulchro, como um diabo de magica.

ALBERTO DE CASTRO.

Cinco horas da manhã. A noite, em retirada dá o ataque final ao dia. Suplantada, sóme-se para áquem, e deixa atraz, exangue, nos campos do Oriente outros campos de sangue. Lá ao fundo a cidade ainda repousa e dorme recortando no azul o seu perfil, conforme um navio phantasma em aguas infinitas. Cobrindo gerações que dormem sob as criptas, da massa negra emerge, hostil, senhoreal, o dorso anfractuoso a espessa cathedral. Esfuma-lhe a neblina as torres, os silhares, e os nichos que dão pasto ás c'rujas aos milhares. Cantam saudando a aurora, ao alto as colovias. Do monte a aragem trás, nas suas azas frias um cheiro matinal, bravio de hortelã, que se casa ao silencio ancioso da manhã. Lentamente, arrastando a cauda colleante de comboio, lá rompe a marcha estonteante a machina através do campo já ceifado, a arquejar, a suar, como um titan cançado. Aponta agora o sol; e então, nitidamente sobre o arco de sangue e fogo do nascente eu vejo a fléxa escura, a mais alta, a do sul da immensa cathedral, ameaçando o azul.

A' vista de Salamanca, setembro de 1909

M. CARDOSO MARTHA

EM 29 DE OUTUBRO

A Candidinha, hoje, pouco depois de eu entrar em sua casa, foi visitada pelo irmão mais novo — um garotote ainda, empregado a praticar numa mercearia da Rua.

Elle chamou-a da escada, em confidencia, e disse meio baixo, que a mãe o mandava a avisar que não desse dinheiro ao Alberto.

O Alberto, soube-o depois — é o mais velho dos tres irmãos, filhos todos dum amor d'acaso, com sangue alegre d'estudante novo, esturdiando nas veias.

Quando eu nessa noite a visitava, descia elle as escadas. Ao ver-me parou, cozeu-se na parede, aconchegou o varino contra o peito, ergueu um pouquinho a mão, em menção de tirar a boina, e, em voz avinhada e baça, disse, lá da sombra:

— Boa noite!

— Boa noite! Respondi, subindo sempre, e olhando-o sem conhecer.

Mas o garoto, á porta, continua:

« — Ouviste? já lhe deste algum dinheiro? »

— Hontem, sim, tinha dado dois tostões, e hoje já... »

O petiz, afflicto, interrompe:

« — Pois a mãe diz que não lhe dê nada. Gasta tudo em vinho, e a gente vai e nem sequer ao menos lhe vê a c'roa. »

Quando hontem lá chegou a casa ia numa miseria. Era assim um cheiro á aguardente, que até p'rás visinhas foi uma vergonha... »

Coimbra

Luiz Braga

Certos balandraus



Ó sôr reverendo: é uma cruz ou um punhal? . . .

(Desenho de Christiano de Carvalho)

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES
ILLUSTRADOS

**Apparelhos e mais material
para photographia**

Para os Ex.^{mos} Academicos faz preços
excepcionaes nos grupos de cursos e em
retratos que se encarrega de mandar re-
produzir na Allemanha.

N. B. — *Ha já grande numero de assi-
gnaturas para encomendas; e pode for-
necer amostras de algumas, executadas
com a maxima perfeição.*

Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces
de ovos, e de fructa de todas as qualida-
des, em seccos, crystalisados e em calda.

VARIADA PASTELARIA EM TODOS OS GENEROS

Pudings de diversas qualidades, Pão
de ló pelo systema de Margaride, Galan-
tines diversas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognacs, Champagnes e Licores finos
das principaes marcas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates,
Bombons, Drops, Queijos, Chás
e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da
QUINTA DE FONTELLO — Paços de Ferreira e os
deliciosos rebuçados de fructas especialidade da
Padaria **FARIA** do Porto.

150, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA


Telephone n.º 23

SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D. Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo o Paiz,
não recomenda o seu fabrico.

Grades Armazens  do Chiado

E' o estabelecimento que melhor
e mais barato vende em

COIMBRA

RUA FERREIRA BORGES

DROGARIA VILAÇA

COIMBRA

Completo sortido de drogas, productos chimicos
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios.

LOUIS FONTAINE

Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSÕES

Provisoriamente

28 Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

Entrada pela Couraça da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

© mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de modas, chapéus, confecções, lanificios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos. Ateliers de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Um dia por mez

FAZENDAS DE GRAÇA!

Pedir instrucções nos

GRANDES ARMAZENS DE LISBOA

LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

25 — Marco da Feira — 25

COIMBRA

Livros portugêses e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para collecções. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Sousa Nazareth e F.º

20 — Rua Ferreira Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de case-mirás para fatos e sobretudos, luvas collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-eol em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

GRANDE CAFÉ CONCERTO

Antigo café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA